

ENTRE O VELHO E O NOVO MUNDO: A PRESENÇA DE MUSICISTAS ITALIANOS NAS CIDADES PAULISTAS E GAÚCHAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**BETWEEN THE OLD AND THE NEW WORLD:
THE PRESENCE OF ITALIAN MUSICIANS IN THE CITIES OF SÃO PAULO AND RIO GRANDE DO SUL IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY**

Leonardo de Oliveira Conedera¹

RESUMO: O presente artigo trata sobre a presença de músicos italianos e sua atuação no campo musical brasileiro a partir dos seus ingressos nos núcleos urbanos de São Paulo e Rio Grande do Sul durante a primeira metade do século XX. Assim, visa-se analisar e apresentar a contribuição social e artística que os imigrantes peninsulares trouxeram para estes espaços onde se instalaram. Para este estudo, emprega-se o uso de fontes como almanaques, jornais, entrevistas (uso da metodologia de história oral temática) e trabalhos acadêmicos desenvolvidos na área da História, Música e artes plásticas.

PALAVRAS-CHAVE: imigração italiana; músicos italianos, São Paulo, Rio Grande do Sul.

ABSTRACT: This article explain about the presence of Italian musicians and their performance in the Brazilian musical field since their arrival in the urban centers of São Paulo and Rio Grande do Sul in the first half of the 20th century. It aims to analyze and present the contribution that Italian immigrants brought to these spaces where they settled. For this study, the use of sources such as almanacs, newspapers, interviews (use of thematic oral history) and academic works developed in the area of History, Music and plastic arts is used.

KEYWORDS: italian immigration; italian musicians, São Paulo, Rio Grande do Sul.

* Pesquisa decorrente do período de doutorado, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com financiamento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq).

¹ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade do Estado de Santa Catarina E-mail: leocone5@hotmail.com

Nos últimos anos, a partir do impulso de investigações sociológicas e antropológicas vinculadas ao problema das atuais mobilidades humanas dentro do contexto da globalização², também a historiografia acerca da e/imigração italiana expandiu a sua perspectiva de análise³. No caso brasileiro, por exemplo, iniciou-se a evidenciar com maior destaque a imigração qualificada⁴ e a incidência que diversos profissionais liberais estrangeiros tiveram nos centros urbanos que se expandiam paralelamente ao desenvolvimento promovido pela profusão de mão de obra imigrante no contexto rural, sobretudo, entre oitocentos e novecentos.

Para a realização deste artigo foram utilizadas fontes impressas (almanaque, jornais) e orais (entrevistas). O Almanaque em língua italiana foi acessado e consultado na Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E os jornais investigados puderam ser acessados por intermédio do acervo disponível na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional⁵.

As fontes orais empregadas, neste estudo, são resultado de entrevistas⁶ elaboradas a partir dos pressupostos metodológicos da História Oral Temática, que teve como depoentes familiares de músicos italianos que migraram para o Brasil na primeira metade do século passado. Por fim, também se recorreu análise de conteúdo – segundo os pressupostos de Laurence Bardin – para analisar o *corpus* documental descrito.

² Ver por exemplo: (AMBROSINI, 2009); (POLLINI; SCIDÀ 2002); (ZANFRINI, 2007).

³ Por exemplo, abordagem da Micro-História em pesquisas envolvendo a imigração italiana nos últimos anos, que se pode evidenciar nos trabalhos de Maíra Inês Vendrame (*O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)*). São Leopoldo/Porto Alegre: OIKOS/Coleção ANPUH-RS, 2016) e a dissertação de mestrado de Regina Zimmermann Guilherme (*O marmorista italiano Leone Domenico Lonardi em Porto Alegre (1927 ? 1961): um estudo de caso sobre imigração qualificada, redes sociais e transnacionalismo*.186f. 2019. Dissertação (Mestrado em Pós Graduação em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

⁴ *Imigração qualificada* refere-se ao deslocamento de imigrantes portadores de uma formação superior (como médicos, farmacêuticos, arquitetos, engenheiros, advogados, professores) e de formação técnica (artesanal e artística).

⁵ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁶ Entrevistas existentes no acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral da PUCRS.

Então, este texto tratará a presença de musicistas italianos nos centros urbanos de São Paulo e Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. A proposta é apresentar e analisar a inserção de peninsulares no cenário artístico brasileiro por intermédio da participação de musicistas migrantes provenientes da Itália, sobretudo, nas cidades paulistas e gaúchas.

Imigração italiana nas cidades brasileiras (1875-1930)

De norte a sul do país, os italianos instalaram-se estabelecendo seus empreendimentos como casas de comércio, oficinas, ateliês, escritórios, assim como sendo mão de obra no comércio e indústria.

Já no período colonial, estrangeiros provenientes da Península itálica circulavam pelos núcleos urbanos brasileiros. Este grupo já esboçava um caráter especializado, visto que era constituído por clérigos, militares, médicos, arquitetos, artesãos e artistas (CONSTANTINO, 2000).

Sabe-se que não apenas nas colônias criadas e geridas ora pelo governo federal, ora pelas próprias administrações dos Estados, disseminadas pelo país, como também as cidades foram lugares de forte atração para os imigrantes peninsulares. Os territórios da migração caracterizam-se pelo aspecto heterogêneo, apesar das peculiaridades que lhes atribuem uma identidade específica. Cada local, a saber, cidade ou colônia, fazenda, onde os imigrantes italianos se instalaram, adquiriu uma paisagem marcada por aspectos materiais e imateriais que caracterizaram a presença e construção de uma identidade e realidade migrante ímpar (CONEDERA, 2017).

Várias foram os fatores que levaram os italianos a se radicarem nos centros urbanos brasileiros. Entretanto, Núncia Santoro de Constantino (2000: 15) assinala dois motivos comuns:

A primeira é a escassez de terras nas áreas coloniais, novas e antigas, que empurrou para fora do sistema de pequena propriedade de filhos de colonos. A segunda razão está relacionada à demanda de mão-de-obra em decorrência da industrialização e da urbanização crescentes.

É preciso lembrar que o Estado de São Paulo concentrou a maior parte do contingente de peninsulares que se fixaram no Brasil. Entre 1887 e 1920, mais de um milhão de italianos instalaram-se no contexto paulista. Diversos imigrantes vinham para ser mão de obra assalariada nas fazendas de café. A maioria desses indivíduos tinham sua viagem bancada pela organização da Sociedade Promotora da Imigração (TRENTO, 1989).

Contudo, nem todos os peninsulares foram para o interior; muitos foram aqueles que procuraram residir no meio urbano. Inúmeros viajantes que percorreram, nas primeiras décadas do século XX, pela cidade de São Paulo assinalaram a presença de *italianità*. A língua italiana (ou melhor, os dialetos peninsulares) em alguns bairros era mais recorrente do que a língua portuguesa, assim como a divulgação de anúncios publicitários, que eram escritos em formato bilíngue (TRENTO, 1989).

As associações étnicas eram caracterizadas pelo viés regional, pela profissão ou ainda pelo bairro onde moravam no núcleo urbano. A concentração dos peninsulares na composição do operariado paulista no princípio do século passado foi muito consistente. Os italianos, dependendo do setor industrial, representavam de 60 a 90% dos empregados. De acordo com Luigi Biondi (2010: 29), o “[...] bairro italiano em São Paulo era sinônimo de bairro popular e operário”.

É preciso referir que a participação italiana não se limitou somente ao grande número de trabalhadores nas fábricas, alguns indivíduos da coletividade italiana foram propagadores de ideias que alimentaram o desenvolvimento do movimento sindical no Brasil. Personagens como Alceste De Ambris, Edmondo Rossoni e Giulio Sorelli foram figuras importantes na militância e disseminação do sindicalismo revolucionário (TOLEDO, 2010). Edilene Toledo (2010: 200-201) enfatiza que:

A circulação de ideias do sindicalismo revolucionário, assim como do anarquismo e do socialismo, com campanhas, comícios, a imprensa, as publicações, a organização do tempo livre atingiram diferentes nacionalidades que viviam no Brasil. Os valores e comportamentos veiculados por esses movimentos foram capazes de questionar e desconstruir hierarquias sociais consolidadas e uma mentalidade tradicional

que pretendia condenar a maior parte dos trabalhadores e permanecer fora da política institucional ou não.

Os italianos compuseram um grupo numeroso na indústria paulistana. Conquanto, os imigrantes não estavam presentes somente nos quadros de funcionários, isto é, é importante lembrar que os peninsulares também sobressaíram-se como empreendedores, proprietários de empresas que cresceram e acumularam larga riqueza no setor fabril de São Paulo, como os capitães de indústria Francesco Matarazzo, Rodolfo Crespi, Pinotti Gamba, Alessandro Siciliano, entre outros. Esses imigrantes foram atores proeminentes no setor industrial paulistano, adquirindo fortunas vultuosas. Suas trajetórias colaboraram para o estereótipo dos *zii d'America*⁷ no cenário brasileiro (TRENTO, 2002).

Afora a indústria, desde o final do oitocentos, os italianos salientavam-se no comércio. Por exemplo, no setor do vestuário destacavam-se os lombardos e os florentinos na comercialização de chapéus. No censo de 1906, a capital paulistana contabilizava 300 mil habitantes e a metade da população era constituída de imigrantes oriundos de diferentes regiões da Itália (CENNI, 1975).

Na capital, os italianos dispersaram-se entre os distintos bairros da cidade. No Bexiga radicaram-se, principalmente, os calabreses, os venetos no Bom Retiro e os napolitanos no Brás. Esses locais ganharam, lentamente, feitiços da terra de origem para os imigrantes; logo, os cantos e os sons de bandolins, acordeons, violões eram rotineiros quando os compatriotas se encontravam (CENNI, 1975).

A imigração italiana foi um fato significativo na história do núcleo urbano, sobretudo, pelo fluxo quantitativo registrado, que trouxe aspectos que auxiliaram para a constituição atual de São Paulo. Quando se instalava no meio urbano, o trabalhador imigrante buscava uma moradia para se instalar, compatível com sua realidade financeira e, normalmente, próxima do seu

⁷ *Zii d'America*, isto é, os tios da América, referiam-se aos imigrantes italianos que fizeram fortuna no exterior, e que muitas vezes alimentavam os sonhos de peninsulares que vinham para o novo mundo.

espaço de trabalho, como foi o caso daqueles que se radicaram no bairro do Brás (VÉRAS, 2013).

Sabe-se que, no princípio da década de 1920, os estrangeiros constituíam mais da metade dos funcionários da indústria em exercício; todavia, os imigrados careciam de uma organização para reivindicar uma maior participação política, haja vista as pluralidades culturais e políticas no interior coletividade dos imigrantes.

Os peninsulares inseriram-se, majoritariamente, nos bairros operários e mais humildes. Depois do expediente de trabalho vários tinham o hábito de confraternizar com seus patrícios, saboreando um vinho *Chianti* e degustando, ao mesmo tempo, um *formaggio pecorino* e salames nas cantinas da capital. Nos finais de semana, a *boccia* era o jogo preferido e muito praticado pelos imigrantes (ALVIM, 1986).

A presença italiana não se limitou apenas ao contexto da capital paulista. Por exemplo, em Ribeirão Preto, inúmeros imigrantes desenvolveram uma relevante participação no processo de ampliação das atividades urbanas como empreendedores. Rosana Aparecida Cintra informa acerca dos peninsulares que se radicaram no núcleo urbano, visto que na lista do Almanaque de Ribeirão Preto de 1913 verificavam-se 151 proprietários de casas comerciais e fábricas, e que, dentre estes, 93 eram italianos (CINTRA, 2001).

Portanto, o Estado de São Paulo, inegavelmente, registrou uma quantidade muito elevada de imigrantes italianos, sobretudo, na virada do novecentos. O grande número de peninsulares deixou inúmeros aspectos culturais da Península italiana que se evidenciam ainda, hodiernamente, na sociedade paulista.

Assim como em São Paulo, no Rio Grande do Sul, os italianos tiveram uma presença e influência significativa desde a Revolução Farroupilha – entre os anos de 1835 e 1845 – que propiciou o recrudescimento do número de peninsulares no Estado gaúcho. Do período colonial até 1820, registrava-se o

trânsito de clérigos e militares⁸ oriundos da Itália que chegavam ao Estado. Garibaldi e seus correligionários, como Rossetti, Zambecari, Carniglia, Cuneo, Matru, Nodola, Soderini, Torrisan e Valerini foram atores relevantes na Revolução Farroupilha (CONEDERA, 2017).

A formação de associações de mútuo socorro, de beneficência ou filantrópicas representam aspecto marcante entre os imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul. Stella Borges (1993: 37) menciona que “[...] as sociedades serviram como agentes de preservação da cultura e, pelo menos em tese, todas elas se mostraram inclinadas a defender a *italianità*, a preservação dos hábitos, especialmente da língua materna”.

Os italianos também fundaram escolas italianas, cuja iniciativa era própria da sua comunidade⁹. Essas surgiram para atender as necessidades educativas presentes. Além disso, tinham como escopo amenizar o distanciamento da terra de origem. As escolas *Umberto I*, *Giovanni Emanuel* e *Dante Alighieri* foram algumas dessas instituições educacionais fundadas na capital gaúcha. Eram subsidiadas pelas comunidades de mútuo socorro, empresários, entidades religiosas ou pelo próprio governo italiano (BORGES, 1993).

Dos diversos ramos que os itálicos ocuparam na sociedade porto-alegrense – no final do século XIX e no começo do XX – a imprensa foi outro segmento que marcou presença. Podem-se citar como jornais italianos: *La Liguria*, (1884); *L'italiano*, (1890); *Il Commercio Italiano*, (1892), entre diversos outros. Esses jornais tinham como criadores os próprios imigrantes (CONEDERA, 2017).

Além da capital, outros centros urbanos rio-grandenses receberam peninsulares. A cidade de Pelotas também se tornou numa sociedade

⁸ Vale lembrar que a proximidade com do Rio Grande do Sul com Montevidéu e Buenos Aires, que possuíam já consideráveis núcleos de peninsulares em 1820, propiciou a circularidade de imigrantes anterior ao final do século XIX.

⁹ Sobre as escolas italianas no Rio Grande do Sul ver: RECH, Gerson L; LUCHESE, Terciane. *Escolas italianas no Rio Grande do Sul: pesquisa e documentos*. 1. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2018; CASTRO, Renata B. BARAUSSE, Alberto. “Una società senza scuola è un corpo senz’anima? As escolas italianas de Pelotas/RS mantidas pelas sociedades de mútuo socorro no século XIX. *HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, v. 24, p. 1-32, 2020.

cosmopolita, como Porto Alegre. Principalmente a partir do início do século XIX, a presença de estrangeiros recrudesciu gradativamente ao longo dos Oitocentos.

Sabe-se que Pelotas era um município que possuía uma economia forte pela produção e comercialização do charque. A cidade também havia uma rede de contato com o mundo por intermédio do seu porto que a interligava com Rio de Janeiro, Bahia, Argentina, Uruguai, Estados Unidos e Europa (ANJOS, 1996).

Os italianos, além de se salientar – quantitativamente, nos números da população (segundo maior grupo dentre os estrangeiros) – também ganharam destaque no ramo comercial. Os peninsulares destacaram-se na atividade hoteleira de Pelotas. Por exemplo, os hotéis: *Aliança*, *Garibaldi*, *Itália*, *Piemonte*, *do Comércio* e *Federativo* eram de proprietários oriundos da Itália (ANJOS, 1996).

É necessário lembrar também que os imigrantes desempenharam uma série de atividades vinculadas atividades técnicas e artesanais em Pelotas, como alfaiates, barbeiros, carpinteiros, ferreiros, ourives, sapateiros entre outras. Também se registrava a existência de arquitetos no grupo italiano, como José Izella Merote e Guilherme Marcucci, que foram personagens ativos em meados do século XIX na cidade. Os dois arquitetos colaboraram para a arquitetura de Pelotas com projetos em estilo neo-renascentista (CONEDERA, 2017).

Assim como Pelotas, o município de Rio Grande, no início do século passado, possuía muitas fábricas que produziam uma gama de manufaturas. A estrutura portuária, que o centro urbano apresentava, favorecia o comércio em nível nacional e internacional. Nos anos de 1920, aproximadamente 3.500 italianos encontravam-se inseridos em Rio Grande (CUSANO, 1920).

A maioria dos imigrantes trabalhava no setor industrial existente na cidade. Além disso, algumas centenas de peninsulares ocupavam-se na pequena indústria e comércio e também exerciam atividades artesanais. A coletividade peninsular erigiu a *Società italiana di M.S. e Cooperazione*, que havia 180 sócios no princípio do novecentos (CUSANO, 1920).

Além de Rio Grande e Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul, as cidades da fronteira do Estado igualmente apresentaram uma presença italiana, como refere em seus números o Cônsul Franceschini nos últimos decênios do século XIX (CONSTANTINO, 2008).

Nos municípios, como Uruguaiana, Santana do Livramento, São Borja, Itaqui, Chuí, Alegrete, Jaguarão, Santa Vitória do Palmar registava-se um número pequeno de italianos, mas que constituíam uma coletividade relevante e atuantes naquelas comunidades. Márcia Solange Volkmer (2013: 76) afirma que:

O aumento populacional na fronteira do Rio Grande do Sul, em meados do século XIX, além do seu crescimento natural, teve grande incremento, em função dos distintos processos migratórios. Pode-se dizer que são três as principais correntes imigratórias que convergem para este espaço: um grande número de moradores das províncias da Confederação Argentina, sobretudo correntinos, que aí estabelecem residência, aqueles indivíduos militares, provindos de outras províncias brasileiras; e os imigrantes europeus. [...] Cada corrente tem suas motivações e períodos definidos, mas todas acabam gerando um aumento absoluto da população das Vilas da Fronteira e influenciando os níveis de organização política, econômica e social destas cidades.

A maioria dos imigrantes italianos nas cidades fronteiriças dedicou-se ao comércio. No entanto, muito também exerceram profissões vinculadas ao ramo artesanal, como carpinteiros, alfaiates, sapateiros, barbeiros. Outros também se inseriram no setor primário, como agricultores (CONEDERA, 2017).

O Rio Grande do Sul encontrava-se dentre os Estados brasileiros que mais importou no final do oitocentos. O Estado gaúcho era precedido somente por São Paulo e Rio de Janeiro no volume de importações. Além disso, na primeira década do século passado, as principais circulações portuárias ocorreram em Porto Alegre, Rio Grande e Uruguaiana (SILVA, 2012).

No final do século XIX, o relatório do Cônsul Pasquale Corte (em 1884), frisa que, quando conduzia o Consulado de Montevidéu, nos anos de 1874 e 1875, despachou milhares de passaportes para imigrantes residentes em Montevidéu e Buenos Aires seguirem para o Brasil e, em especial, para o

Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, o livro de registro de entrada de estrangeiros, entre 1877 e 1880, atestam a mobilidade de imigrantes originários do Sul da Itália procedentes das cidades do Prata (CONSTANTINO, 2008).

Portanto, dentre o final do século XIX e a primeira metade do XX, tanto nos municípios de São Paulo como aqueles do Rio Grande do Sul, a imigração italiana constituiu um papel importante na formação do tecido social urbano. Após chegada de vários peninsulares não apenas novos indivíduos passaram a compor mão de obra local, como também estes qualificaram alguns setores como aqueles técnicos e artísticos.

Em síntese, a imigração italiana assumiu uma proeminência em termos quantitativos no Brasil desde meados do século XIX até o princípio da Segunda Guerra Mundial. O contingente de peninsulares constituía-se como o segundo maior grupo de estrangeiros residindo no país, principalmente, em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

A presença italiana no ambiente musical nos séculos XIX e XX

Os italianos constituíram uma contribuição relevante no campo artístico¹⁰ brasileiro. Sabe-se que a cultura da viagem e da peregrinação existiu entre inúmeros habitantes, até mesmo entre os setores mais modestos da sociedade peninsular. O ato de emigrar era, assim, normal para diversas famílias italianas no período precedente à Unificação Italiana. Na maioria das vezes, o estímulo para a mobilidade era o desempenho de uma determinada atividade profissional (CONEDERA, 2017).

A exemplo de alguns vilarejos do *Mezzogiorno*¹¹, muitos meridionais – que exerciam profissões típicas, sobretudo, de cunho artesanal e artístico – tinham uma longa tradição migratória para países do cenário europeu e para as

¹⁰ A primeira grande investigação sobre a imigração artística ou qualificada na América foi desenvolvida por Regina Soria (1997) no final da década dos anos 90 do século passado. A obra *Fratelli Lontani*, de Soria, sublinha o grande número de profissionais qualificados do ramo artístico que se fixaram e propagaram seu trabalho na sociedade estadunidense.

¹¹ A palavra “*Mezzogiorno*” refere-se ao Sul da Itália (as Regiões do Abruzzo, Campania, Basilicata, Calábria, Puglia, Molise, Sicília e Sardegna).

Américas. Durante o oitocentos, diversos musicistas provenientes de Viggiano (um pequeno *paese*¹² localizado na Basilicata) emigraram para a Grã-Bretanha, Áustria e para os Estados Unidos (BEVILACQUA, 2002).

Especialmente, a partir do oitocentos, o Novo Mundo iniciou a receber em meio aos volumosos fluxos migratórios a chegada de musicistas europeus e, dentre esses, diversos advinham da Itália.

O ingresso de músicos italianos nos principais centros urbanos da América devia-se à elevada quantidade de companhias líricas que excursionavam pelos famosos palcos da América, como o teatro Metropolitan, de Nova Iorque; Colón, de Buenos Aires; Sólis, de Montevideú; e o Municipal, do Rio de Janeiro (INCISA DI CAMERANA, 2005).

Inúmeros diretores de orquestras, cantores, compositores, maestros peninsulares deslocavam-se pela América do Sul, incorporando as diversas companhias líricas e operísticas. Vale lembrar que esses artistas eram atraídos pela elevada remuneração paga para comparecerem nos teatros do Novo Mundo. Adriana Corazzol (2012: 136) enfatiza que:

Em 1890 aparece Puccini na América Latina, buscando recuperação econômica, diante das poucas perspectivas oferecidas na Itália. Michele, o irresponsável irmão menor, que interrompera os estudos no Conservatório antes de conseguir o diploma em composição musical, iniciara sua aventura argentina em 1889, concluída tragicamente no Rio de Janeiro, em 12 de março de 1891.

Além disso, o empresário artístico italiano foi também uma figura imprescindível para a vinda de musicistas e para a divulgação da cultura musical italiana na América. Sobretudo, no princípio da segunda metade do século XIX, os empresários encontraram um amplo terreno para trabalhar nas cidades do Novo Mundo. Na América do Sul, as principais metas da sua atividade foram a Argentina, Brasil, Uruguai e Chile. Desde os anos de 1870, os países sul-americanos já tinham setores sociais dirigentes privilegiados que alimentavam o desejo fervoroso em consumir parte da cultura europeia (ROSSELLI, 1992).

¹² A palavra “*paese*” refere-se ao pequeno município no interior da Itália.

A presença de italianos na esfera musical brasileira começou principalmente a partir do período imperial. Dom Pedro II promoveu iniciativas culturais e o campo musical iniciou a ganhar proeminência. Em meados do século XIX, ocorreu a fundação do Conservatório de Música do Rio de Janeiro. A instituição recebeu a contribuição de vários músicos estrangeiros, e dentre estes alguns eram peninsulares.

No Brasil, sobretudo, a partir da segunda metade do oitocentos, ao longo dos fluxos migratórios, houve uma integração entre os artistas italianos e o campo artístico brasileiro. Especialmente nas áreas da arquitetura, escultura, pintura e da música observa-se uma participação significativa dos peninsulares. No caso dos teatros de São Paulo e do Rio de Janeiro aconteceram vários concertos e apresentações de músicos provenientes da Itália que estavam em trânsito ou mesmo por aqui permaneceram definitivamente nesses dois centros (ALMANACCO, GLI ITALIANI NEL BRASILE, 1922). Assim, aconteceu uma grande interação entre os profissionais italianos com o público brasileiro.

Um espaço de destaque, em meados do século XIX, para vários musicistas peninsulares foi o Conservatório do Rio de Janeiro, onde muitos solistas foram personagens no ensino e desenvolvimento do campo musical carioca e brasileiro, tendo como exemplo o professor Joaquim (Gioachino) Giannini, italiano de Lucca, que desembarcou na capital em 1846 como diretor de uma Companhia Lírica Italiana, contratada para se apresentar no Teatro de São Pedro de Alcântara (CONEDERA, 2017).

Em meio aos inúmeros docentes estrangeiros que lecionaram no Conservatório, Giannini foi aquele que ascendeu na esfera musical da corte. Segundo, Janaína da Silva (2007: 172):

os cantores, cantoras e instrumentistas são os que aparecem e fazem sucesso, o compositor dentro desse cenário é uma figura importante, porém obscurecida pela presença da prima-dona e do tenor que iriam interpretar sua mais nova composição e deles dependia o sucesso da música. Giannini conseguiu consolidar sua carreira atuando nas principais instituições musicais da época e participando da criação de outras, mas principalmente porque conseguiu construir e manter redes sociais, não apenas com músicos importantes na época.

Os músicos peninsulares foram atores importantes que corroboraram para a promoção da música e de artistas (nacionais e estrangeiros) no Brasil. Franco Cenni (1975: 366-367) ressalta que:

Durante muitos anos, o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, que em 1923 chegou a contar com mais de 1.500 alunos, foi praticamente formado por professores italianos. [...] A cultura musical paulista é, portanto, de inconfundível origem italiana. A maior parte dos professores daquela disciplina, quando não italianos ou seus descendentes, tem estudado pela escola que os peninsulares introduziram com tanto sucesso. Também entre os instrumentistas das orquestras hoje existentes em São Paulo e no Rio de Janeiro, poucos são os que não têm nome italiano.

Não se pode esquecer que a “música erudita”, no contexto paulista, começou a ser tocada no decênio de 1860. Sobretudo, a partir da criação do Clube Haydn, em 1883, que a “música clássica” penetrou no espaço público, a saber, quando se iniciou a realização de concertos regulares para a propagação de um repertório de grandes composições e obras de compositores famosos e bem conhecidos no cenário europeu. Como algumas agregações musicais existentes no Rio de Janeiro, o Clube Haydn na capital de São Paulo também possuía um caráter mais elitista, mas desempenhou, como aponta Fernando Binder, (2013: s/p) “[...] um papel importante na delimitação de fronteiras entre gostos, repertórios e classes sociais”.

Fora o contexto paulista e carioca, musicistas italianos também atuaram nas cidades do Norte e Nordeste do país. No caso de Belém ocorreu uma efervescência cultural a partir do final do oitocentos, que estimulou o campo musical. Ângela Corrêa (2010: 119-120) assinala que

Os recursos provenientes da atividade gomífera possibilitaram ao poder público construir o Teatro da Paz, com a capacidade, a estrutura e o requinte considerados necessários para abrigar espetáculos de ópera, orquestras e concertos de câmara, e também subsidiar a vinda das Companhias Líricas a Belém.

A partir dos recursos proporcionados pela borracha a sociedade de Belém erigiu o Teatro da Paz, que se tornou o grande palco da ópera e produções musicais na capital paraense. Outro acontecimento relevante que se

precisa frisar foi o trânsito de companhias líricas europeias, que promoveram a música erudita no contexto do Pará.

Assim como nas Regiões Norte e Sudeste do país, no Rio Grande do Sul – durante os últimos anos do século XIX e o começo do XX, por intermédio do aparecimento de novas sociedades amadoras – iniciaram a surgir e crescer a quantidade de músicos profissionais na sociedade rio-grandense, concomitantemente a disseminação da comercialização de instrumentos musicais, que encontrava-se a cargo de empreendedores alemães ou de descendentes germânicos no seu princípio (LUCAS, 1980).

Em Porto Alegre, os músicos peninsulares foram profissionais presentes, sobretudo, desde a última década do oitocentos. Além disso, entre 1880 e 1910, professores oriundos da Itália, como Blume, Diosesi, Garbini, Légori, Luchesi, Panisi, Pedotti, Qualia, Roberti e Stella lecionaram música em Porto Alegre (LUCAS, 1980). De acordo com Hardy Vedana (1987: 12):

Porto Alegre sempre foi um centro cultural de linhas europeias, já que a maioria de seus habitantes descendia do Velho Mundo: primeiro vieram os alemães (sem contar os portugueses, é claro), depois os italianos, seguidos de franceses, ingleses e ainda espanhóis e irlandeses, que trouxeram seus gostos pela música, bem como de suas culturas, que aqui acabaram por mesclar-se com o que já havia no século passado: índios, portugueses e pretos (estes últimos, escravos). Tal miscigenação proporcionou um florescimento musical bastante grande para a cidade.

Neste sentido precisa-se lembrar que, em 1920, fora criado o Centro Musical Porto-Alegrense, uma associação que reuniu a maioria dos músicos existentes na capital gaúcha. No Centro Musical diversos artistas estrangeiros que se instalaram em Porto Alegre atuaram ao lado de seus colegas de profissão, políticos e intelectuais, do contexto sul rio-grandense (SIMÕES, 2011).

Então, um grupo de musicistas italianos, residentes em Porto Alegre, foram agentes importantes na fundação de uma associação que os representava perante os demais setores da sociedade. Sabe-se que a agregação viabilizou a realização de concertos, com o escopo de arrecadar fundos. O Centro Musical Porto-Alegrense seria a organização com a responsabilidade de creditar uma

identidade entre os músicos, com a intenção de envolvê-los, tendo em vista a importância da união dos profissionais da esfera musical (SIMÕES, 2011).

Além disso, vale referir que as autoridades consulares italianas em seus relatórios descreviam, dentro das principais categorias profissionais dos imigrantes italianos radicados nas cidades do Rio Grande do Sul, um grupo consistente de artistas que atuava como professores de música e de canto. Esses em alguns contextos conseguiram prestígio social e “faziam bons negócios”, em razão das suas competências profissionais (CONEDERA, 2017).

Portanto – no contexto brasileiro do final do século XIX e princípio do XX – tanto no período republicano como no imperial, verificou-se o recrudescimento de instituições (como o Conservatório, Sociedades e Clubes musicais¹³) que favoreceram o aumento e a difusão musical no país. No início, o Rio de Janeiro e São Paulo apresentaram uma maior disseminação de instrumentistas nacionais e estrangeiros.

O grande número de musicistas italianos, profissionais ou mesmo diletantes, portanto, instalara-se nos centros urbanos brasileiros – durante o oitocentos e na primeira metade do novecentos. Nesses espaços destacaram-se não só como concertistas, solistas, diretores de orquestras (de bandas e filarmônicas), assim como professores em institutos musicais públicos e privados.

Músicos italianos em São Paulo e no Rio Grande do Sul

Os musicistas italianos, como outros compatriotas que eram portadores de uma formação artística ou especializada, encontraram oportunidades por intermédio daquelas competências artísticas em inúmeros centros urbanos sul-americanos. Em São Paulo e no Rio Grande do Sul, onde se instalaram diversos peninsulares, muitos músicos foram contratados para integrarem corpos musicais, bandas ou orquestras no Brasil (CONEDERA, 2016).

¹³ As Sociedades Musicais eram instituições privadas que tinham com o escopo desenvolver atividades relacionadas direta ou indiretamente à administração e manutenção de Bandas de Música. Então, cada Sociedade Musical era uma banda institucionalizada.

Dentre os profissionais italianos no meio musical que conquistaram notoriedade, não apenas pela coletividade italiana, mas também por toda sociedade paulistana, foi o professor Luigi Chiaffarelli. O musicista, especializado como pianista, nasceu em 1856, em Isernia, província de Campobasso, na Região de Molise. O pianista advinha de uma família de músicos e teve o princípio de sua instrução artística ainda em sua casa, com tenra idade. Ulteriormente, estudou também em instituições musicais italianas (em Nápoles e Bolonha) e alemã (em Stuttgart) (CONEDERA, 2016).

Luigi Chiaffarelli, antes de emigrar para o Brasil, lecionou por alguns anos na Suíça, onde trabalhou no Instituto Internacional de Dreidenstein. Após receber um convite para ser o diretor da Filarmônica Rio Clareense (no interior paulista), o artista italiano chegou ao Brasil em 1885. No entanto, o pianista ficou por pouco tempo em Rio Claro. Em 1888, radicou-se na capital do Estado, onde prosperou em sua carreira como professor de piano e concertista (ALMANACCO IL BRASILE E GLI ITALIANI, 1906).

O musicista de Isernia também colaborou em inúmeras iniciativas dentro do grupo italiano de São Paulo, participando como membro de muitas agremiações peninsulares existentes na capital, como o Circolo italiano e a Escola Dante Alighieri. Luigi Chiaffarelli atingiu proeminência sobre numerosas esferas da sociedade paulista. Além disso, preencheu o cargo de professor de piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, nos primeiros decênios do novecentos.

O periódico *Il Pasquino Coloniale*, que era publicado em São Paulo, lançou um número de seu jornal (em 9 de setembro de 1922) apontando a trajetória de artistas e profissionais italianos (pintores, músicos, escultores, arquitetos e engenheiros) que executaram uma série de trabalhos para particulares como também para a administração pública em vários centros urbanos brasileiros¹⁴.

Por exemplo, Francesco Murino, músico italiano proveniente da Sardenha. Murino dirigiu inúmeros concertos no Teatro Municipal de São

¹⁴ *Il Pasquino Coloniale*, set. 1922, p.34-45.

Paulo. Realizou sua instrução musical no Liceu de Parma. O maestro sardo – como outros artistas italianos – começou sua carreira muito jovem, participando de turnês, como diretor de orquestra, por numerosos países do Velho Mundo, da América e Oriente. Veio para o Brasil contratado pela empresa Teatral Brasileira para reger corpos musicais no São Paulo e Rio de Janeiro¹⁵.

Depois do princípio da Grande Guerra, Francesco Murino modificou seus planos de retornar à Itália e se radicou na capital paulistana, ministrando aulas privadas de música, como realizava em Milão entre os hiatos de suas turnês. Sabe-se que ele corroborou com numerosas iniciativas promovidas pela coletividade italiana de São Paulo, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial. O musicista também incentivou a prática musical e cultural na escola Dante Alighieri de São Paulo¹⁶.

Outro aspecto importante que se precisa referir é que os músicos diletantes propagavam-se pelos bairros italianos de São Paulo organizando bandas musicais e desfiles. As festas de confraternização eram um espaço de grande musicalidade em meio aos imigrantes que tocavam seus instrumentos musicais tanto em eventos cívicos e religiosos, assim como naqueles de caráter festivo no início do século XX (TRENTO, 2016).

A circularidade de músicos peninsulares não se verificou somente na capital paulista. Vários músicos (profissionais e diletantes) instalaram-se nos núcleos urbanos situados no interior do Estado. Todas aquelas cidades de São Paulo que receberam elevado número de imigrantes oriundos da Península possuíram uma maior tendência de contar com a presença de musicistas italianos. Para referir alguns casos podem se apontar Campinas e Ribeirão Preto.

Vale lembrar que Campinas transformou-se, no final do oitocentos, em um dos principais centros econômicos do país em virtude da produção cafeeira. O café (conhecido e nominado como “ouro verde”) promoveu o desenvolvimento em diversas zonas do Estado de São Paulo (SARTORI, 2013).

¹⁵ *Il Pasquino Coloniale*, set. 1922, p. 38.

¹⁶ *Il Pasquino Coloniale*, set. 1922, p. 39.

Nos últimos decênios do século XIX, foram formadas 7 bandas (Banda Ítalo-Brasileira, Banda Giuseppe Garibaldi, Banda do Lyceu de Artes e Ofícios, Banda União Campineira, Banda da Sociedade Musical Reboucence, Banda Musical São Sebastião – Valinhos, Banda da Sociedade Progresso Cariobense). No entanto, a maioria dos corpos musicais formados tiveram uma curta duração (SARTORI, 2013).

Em Campinas, Vilmar Sartori (2013) destaca duas bandas que surgiram concebidas por imigrantes peninsulares: a Banda Italiana (1878) e a Banda Ítalo-Brasileira (1890). A Banda Italiana terminou sua atividade ainda posteriormente a passagem do século XIX para XX; porém, a Banda Ítalo-Brasileira (atual Banda Carlos Gomes) prossegue em atividade.

Outra cidade do interior paulista que se pode salientar é Ribeirão Preto. Durante o oitocentos, assim como Campinas, o município atravessava processos que viabilizaram o desenvolvimento econômico e o estabelecimento de uma cultura aos moldes da *Belle Époque* na sociedade ribeirão-pretana, caracterizando o seu contexto citadino onde eram promovidos os eventos para o entretenimento das camadas mais prósperas da cidade (HADDAD, 2009).

Dentre os italianos que alcançaram notoriedade na esfera musical ribeirão-pretano pode ser apontado o maestro Ignazio Stabile. O regente transformou-se em uma liderança musical, e trazendo uma grande contribuição para o ambiente artístico de Ribeirão Preto que se dirigiu para toda a comunidade local, por intermédio de apresentações nos coretos das praças públicas existentes no contexto citadino (CONEDERA, 2016).

Ignazio Stabile nasceu em Roma, em 1889. Ainda muito jovem dedicou-se à arte de Euterpe e realizou sua instrução musical no conservatório de Nápoles. Ao longo de sua trajetória esteve à frente de diversas Bandas e Orquestras da Europa e do Oriente. Em 1914, combateu na Grande Guerra. Imigrou para o Brasil em uma turnê da Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss. Estabeleceu-se, primeiramente, na capital paulistana, onde reger muitas bandas e orquestras. Nos anos de 1930, mudou-se para Ribeirão Preto

para trabalhar na Banda Municipal Giácomo Puccini, que se exibia nos espaços públicos de Ribeirão Preto (HADDAD, 2009).

A partir de 1938, Stabile começou a atuar com sua batuta à frente da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto (OSRP) compartilhando, de 1938 a 1940, com seu conterrâneo, o maestro Antonio Giammarusti, com quem compartilhou a regência. O maestro dirigiu a OSRP em São Paulo, na inauguração do Estádio do Pacaembu, onde, na oportunidade, foi homenageado pelo presidente Getúlio Vargas, que acompanhou o concerto da orquestra. O maestro romano também realizava composições. Stabile atuou na Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto entre 1938 e 1955, ano no qual faleceu (HADDAD, 2009).

Outro importante musicista em Ribeirão Preto – que atuou ao longo a primeira metade do novecentos – foi Antonio Giammarusti que, da mesma forma que Stabile, regeu a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto. Giammarusti nasceu em Bari, no sul da Itália, no dia 21 de maio de 1895, e realizou seus estudos no famoso Conservatório de Nápoles (HADDAD, 2009).

Na Itália o musicista Giammarusti lecionou música e regência. Deslocou-se para o Brasil, em 1924, e trabalhou em diversos teatros da capital paulista. Ainda fez algumas turnês e apresentações pelo Estado. Estabeleceu-se em Ribeirão Preto em 1930. Em 1931, inaugurou o Conservatório de Ribeirão Preto, onde seus alunos realizaram inúmeras audições de piano. Assim como Stabile, Antonio Giammarusti estimulou numerosas iniciativas com o intuito de promover a música no interior de São Paulo (CONEDERA, 2016).

Então, as cidades do interior paulista que possuía recursos oriundos da produção cafeeira, como Campinas e Ribeirão Preto, incentivaram o desenvolvimento de ações e obras culturais (como as construções de teatros, coretos em praças, entre outras ações), permitindo a ampliação do contexto musical. Nessa realidade, por intermédio de diversos artistas estrangeiros e nacionais, os italianos colaboraram para a incentivo musical que estava recrudescendo em meio à criação de bandas e orquestras, ou mesmo exercendo a profissão de docentes de música.

Durante o final do século XIX e a primeira metade do XX, musicistas italianos estabeleceram-se e tiveram um papel importante no âmbito musical nos centros urbanos do Rio Grande do Sul, assim como em São Paulo.

Dentre os musicistas que se destacaram-se no cenário gaúcho ao longo da primeira metade do século passado, precisa-se referir o maestro José (Giuseppe) Leonardi, que chegou em Porto Alegre em 1925 para dirigir a Banda Municipal. Leonardi nasceu em 1880, em Mascalucia, província de Catania, na Sicília. Em 1906, aos 26 anos, laureou-se como professor de instrumentação de bandas no Real Conservatório de Música Vincenzo Bellini, em Palermo. O musicista siciliano também tinha formação em trompete e regência (CONEDERA, 2017).

Depois de finalizar sua formação em Palermo, Leonardi assumiu o cargo de diretor da Banda Municipal de Naso, província de Messina, onde trabalhou até 1908. Nesse mesmo ano, partiu com sua esposa, filhos e seu irmão João (Giovanni) Leonardi, que também se transferiu com sua família para o Novo Mundo¹⁷.

Em 1908, o maestro siciliano emigrou com sua família para a capital do Paraguai. Em Assunção, Leonardi tornou-se diretor-maestro da Banda Municipal da cidade, onde trabalhou por dois anos (CORTE REAL, 1984). Posteriormente, o musicista mudou-se para a Argentina, onde atuou o cargo de solista da Banda Municipal, como trompetista. Ainda participava de apresentações em pequenas filarmônicas na capital portenha (CONEDERA, 2017).

José Leonardi ficou, aproximadamente, por mais de doze anos em Buenos Aires. Em 1925, uma nova oportunidade apareceu na sua carreira. Naquele mesmo ano, o musicista foi convidado por José Corsi¹⁸ para ser maestro da Banda Municipal de Porto Alegre. O maestro siciliano foi um artista que oportunizou a entrada de novos músicos na capital do Rio Grande do Sul.

¹⁷ PARANHOS, Paulo Ricardo Leonardi. **Trajetória do maestro José Leonardi** [ago. 2012]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

¹⁸ Músico italiano que se radicou no Rio Grande do Sul no final do século XIX. Corsi foi incumbido pelo prefeito de Porto Alegre de buscar músicos para formar a banda municipal da cidade.

Sabe-se que o maestro siciliano também formou um grupo de relações com grande parte dos músicos que residiam em Porto Alegre, assim como com os seus compatriotas da coletividade italiana. Por intermédio das páginas do jornal “A Federação”, Leonardi era recordado como jurado em concursos musicais e um personagem de proeminência nas celebrações realizadas pelo Consulado da Itália como também em outras solenidades das associações peninsulares de Porto Alegre (CONEDERA, 2017).

Outro músico que se destacou na sociedade porto-alegrense foi José (Giuseppe) Pappalardo que chegou ao Brasil, com os seus irmãos, Salvador (Salvatore) e Nicolau (Nicolò), em 1926. José nasceu em 1900, em Adrano, província de Catania, na região da Sicília. Os irmãos Pappalardo inicialmente emigraram da Península para a Argentina, no início do noventa.

Na capital gaúcha, José Pappalardo desembarcou junto com o grupo de instrumentistas peninsulares que vieram de Buenos Aires para compor o elenco da Banda Municipal. A senhora Maria Graça Pappalardo, filha do músico, comenta que:

Em Buenos Aires, ele leu em um jornal um anúncio procurando músicos para virem tocar aqui em Porto Alegre, porque o Otávio Rocha queria organizar uma banda. Então, vieram os dois músicos e outro ficou lá. E depois ele veio também.¹⁹

¹⁹ PAPPALARDO, Maria Graça Berta. **Entrevista sobre a trajetória de José Pappalardo**. [jul. 2016]. Entrevistador: Leonardo Conedera, Egiselda Charão e Fernanda Trentini. Porto Alegre.

Figura 1



Fig. 9 – José Leonardi

Maestro José Leonardi (CORTE REAL, 1984: 52).

Em Porto Alegre, José Pappalardo não se dedicou apenas à esfera musical, já que, ao lado de seus irmãos, estabeleceu um pastifício. No Brasil, o instrumentista constituiu sua família. Na Banda Municipal, Pappalardo tocava requinta e saxofone-soprano e integrou o elenco da Banda Municipal de Porto Alegre por mais de 25 anos, vindo, posteriormente, a integrar o corpo musical da OSPA e da Orquestra Municipal de Caxias do Sul (OSCA) nas décadas de 1950 e 1960 (CONEDERA, 2017).

Os músicos peninsulares encontraram também atuaram no interior do Rio Grande do Sul. Nas atividades culturais do município de Pelotas observava-se a participação do professor de piano e canto Rufino Bidaola, os maestros

Salvatore Riso²⁰ e Eduardo Cavalcanti, os pintores Frederico Trebbi e Giovanni Falconi, o violinista Roberto Stella, entre diversos imigrantes e brasileiros. No final do século XIX, no campo musical pelotense salientava-se o músico Luigi Garbini, que chegou no município por meio de um grupo lírico itinerante. O barítono Garbini, com sua esposa, Elvira Garbini (também musicista), após realizar alguns concertos decidiu permanecer na cidade ministrando aulas de canto, especialmente, para os músicos diletantes pelotenses (ANJOS, 1999).

Luigi Garbini, como vários músicos que circulavam pelos países americanos, encontrou um ambiente favorável de trabalho. Acerca de Garbini, Marcos Hallal dos Anjos (1999: 10) assinala que:

Durante a década de 90 do século passado [oitocentos], reforçando uma singular participação de elementos italianos nas atividades musicais em Pelotas, envolveu-se na formação da ‘Sociedade Choral Italiana’, da “Sociedade Italiana 20 de Setembro”, da qual foi presidente por vários anos, e da “Banda Bellini”, além de participar ativamente da “Philharmonica Pelotense” e do “Club Beethoven”, tradicional e aristocrático clube musical da cidade.

O Teatro “Sete de Abril” foi um dos espaços elegido pelos músicos peninsulares e brasileiros realizavam espetáculos que várias vezes reuniam mais de uma organização musical. Como fora noticiado pela imprensa de Pelotas, ocorriam eventos que congregavam inúmeras entidades, como a Sociedade Choral Italiana, o Club Beethoven e a Banda Musical Bellini que reuniu 80 profissionais da música (membros das agremiações e bandas locais) em uma apresentação que ocorreu no dia 23 de outubro de 1892 (CONEDERA, 2017).

Em Rio Grande, os italianos desenvolveram também iniciativas na esfera musical. Assim, pode-se referir a Banda Rossini, fundada em 1890 e que permanece em atividade na cidade (ALBERNAZ, 2008).

Sabe-se que a Banda Rossini foi criada por um grupo de imigrantes italianos que se estabeleceram na cidade portuária. O corpo musical centenário que atuou por tanto tempo na sociedade rio-grandina registrou a participação

²⁰ Em 1894, Salvatore Riso era maestro do Club Beethoven, com grau superior obtido na cidade de Palermo. Em 1900 era também o crítico musical do ‘Diário Popular’.

atuante de imigrantes peninsulares e seus descendentes, sobretudo, nos seus primeiros decênios de existência.

A partir da pesquisa etnográfica elaborada por Pablo Albernaz (2008) a respeito do conjunto e os músicos atuais é possível perceber que a Banda Rossini manteve uma tradição familiar que conservou uma relação entre italianos e descendentes com a música na cidade de Rio Grande. Por intermédio de algumas narrativas dos músicos que tocam na Rossini, seus fundadores possuíam uma relação próxima com a Fábrica de Fiação e Tecelagem existente na cidade entre o final do oitocentos e a primeira metade do novecentos.

Por intermédio da análise das trajetórias apresentadas de alguns musicistas e bandas formadas por imigrantes italianos, no contexto brasileiro, percebe-se que a dinâmica da mobilidade de peninsulares favoreceu a vinda de profissionais que se dedicavam à atividade musical.

Portanto, uma quantidade considerável de músicos italianos, profissionais e/ou diletantes, estabeleceu-se nos centros urbanos paulistas e gaúchos, ao longo do século XIX e na primeira metade do XX. Nesses espaços, os musicistas buscaram estimular as suas competências artísticas, assim como promover a arte de Euterpe, tanto com a formação de bandas e orquestras, concomitantemente em que incentivavam o ensino musical por meio de instituições, auxiliando em projetos que vislumbrassem uma maior possibilidade de remuneração e trabalho para os profissionais da música no contexto urbano brasileiro.

Considerações Finais

É importante sublinhar que os músicos italianos tiveram papel significativo não apenas nas bandas e companhias líricas criadas e compostas por peninsulares, mas também em instituições brasileiras nas quais se empregaram para responder as necessidades da sociedade local onde se inseriram.

Nos primeiros decênios do século passado, a música sinfônica e clássica europeia dominava a preferência do público e dos gestores das entidades

musicais. Os artistas originários do Velho Mundo, então, encontraram no Brasil – assim como em outros países americanos – possibilidades vantajosas para colocar em prática as competências técnicas adquiridas em escolas e conservatórios europeus.

Em inúmeros casos, portanto, os musicistas não foram artistas itinerantes, mas imigrantes que se deslocaram a procura de uma oportunidade de trabalho melhor para desenvolver as suas carreiras e, ao mesmo tempo, sustentar as suas famílias. Logo, os músicos que foram elencados, representaram um caso exemplar de imigração qualificada porque, assim que desembarcaram em terras brasileiras, não foram obrigados a partir do zero inventando ou aprendendo uma outra profissão (salvo algumas exceções), porém colocaram em prática o fruto dos seus estudos especializados no seu país de origem. Os artífices de Euterpe foram, enfim, resignados na difusão do seu conhecimento musical na sociedade receptora, pois é certo que estes mantiveram estreitas relações com os seus compatriotas que atuavam no âmbito artístico, enquanto que também colaboraram, consideravelmente, com o contexto no qual se integraram, deixando um legado da sua presença.

Referências

ALBERNAZ, Pablo Cassio. **A Música, o Conviver e o Lembrar: um estudo etnográfico entre os músicos da centenária Banda Rossini da cidade de Rio Grande.** 2008. 154 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas do programa de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

ALVIM, Zuleika. **Os italianos em São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

AMBROSINI, Maurizio. **Intraprendere fra due mondi: Il transnacionalismo economico degli immigrati.** Bologna: Il Mulino, 2009.

ANJOS, Marcos Hallal. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX.** 1996. 127 f. **Dissertação (Mestrado – História)** – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 1996.

___ dos. Italianos e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. **História em Revista**, Pelotas, vol. 5/dez., p. 1-10, 1999. Disponível: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/12013/7626> Acesso em: 20 jan. 2016.

BEVILACQUA, Piero. Società Rurale e emigrazione. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2002. p. 95-112.

BINDER, Fernando Pereira. Lições de civilidade musical: os concertos de Cernicchiaro e a criação do Clube Haydn de São Paulo. In: **Anais do XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música ocorrido de 22 a 26 de julho**, Natal, 2013, s/p. Acessado em 20 de abr.de2020: https://www.academia.edu/5075133/Li%C3%A7%C3%B5es_de_civilidade_musical_os_concertos_de_Cernicchiaro_e_a_cria%C3%A7%C3%A3o_do_Clube_Haydn_em_S%C3%A3o_Paulo

BIONDI, Luigi. **Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920**. Campinas: Unicamp, 2010.

BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975.

CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto: Vinda e vida de imigrante (1890- 1900)**. 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado – História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2001. Franca, 2001.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. Maestri al di là dell'Oceano. La musica degli italiani in Brasile nella prima metà del Novecento. In: CAPPELLI, Vittorio; SERGI, Pantaleone (a cura). **Traiettorie culturali tra il Mediterraneo e l'America latina: cronache, letterature, arte, lingue e culture**. Cosenza: Pellegrini, 2016, p.315-328.

___ . **Músicos no Novo Mundo: a presença musicistas italianos na Banda Municipal de Porto Alegre (1925-1950)**. 2017. 278 f. Tese (Doutorado – História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2008.

___ . **O italiano na cidade**. Passo Fundo: UPF, 2000.

CORAZZOL, Adriana. Músicos Italianos na América Latina entre os séculos XIX e XX: lembranças e testemunhos. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 132-155, Dez. 2012.

CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **História Cultural e música em Belém: décadas de 20 a 40**. 2010. 320 f. Tese (doutorado – História Social) – Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), 2010.

CORTE REAL, Antônio T. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1984.

CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007.

CUSANO, Alfredo. **Il Paese dell'Avvenire**. Rio Grande do Sul. Roma, São Paulo, Buenos Aires: L'Italo-Sudamericana, 1920.

HADDAD, Gisele Laura. **Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto (SP): representações e significado social**. 2009. 216f. Dissertação (Mestrado – Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Franca, 2009,

INCISA DI CAMERANA, Ludovico. **El Gran Éxodo: Historia de las migraciones italianas em el mundo**. Madrid-Buenos Aires: Alianza 2005.

LUCAS, Maria Elizabeth. Classe dominante e cultura musical no RS: do amadorismo à profissionalização. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 158-163

POLLINI, Gabriele; SCIDÀ, Giuseppe. **Sociologia delle migrazioni e della società multietnica**. Milano: FrancoAngeli, 2002.

ROSSELLI, John. **Sull'ali dorate: Il mondo musicale italiano dell'ottocento**. Bologna: Il Mulino, 1992.

SARTORI, Vilmar, **Banda Ítalo-Brasileira/Carlos Gomes: história e memória de uma corporação musical centenária na cidade de Campinas**. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado – Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2013.

SILVA, Janaína Giroto da. **“O Florão mais belo do Brasil”: O Imperial Conservatório de Música do Rio de Janeiro (1841-1965)**. 2007. 217 f. Dissertação (mestrado – História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF), Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Jeremyas Machado. **Achados do imaginário**: o consumo da faiança fina em Uruguaiana no final do século XIX. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado – História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) 2012.

SIMÕES, Julia da Rosa. **Ser músico e viver da música no Brasil**: um estudo da trajetória do Centro Musical Porto-Alegrense (1920-1933). 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado – História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), 2011.

SORIA, Regina. **Fratelli lontani**: il contributo degli artisti italiani all'identità degli Stati Uniti 1776-1945. Napoli: Liguori, 1997.

TOLEDO, Edilene. O sindicalismo revolucionário no Brasil do início do século XX: a obra de De Ambris, Sorelli e Rossoni. In: TUCCI, Maria Luiza; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio. (Org.). **História do trabalho e histórias da imigração**: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. In Brasile. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana**: Arrivi. Roma: Donzelli, 2002. p. 3-24.

_____. Italiani a San Paulo tra lavoro e tempo libero 1880-1940. **Revista Navegar**, v.2, jan.-jul. Rio de Janeiro: LABIMI, p.9-28, 2016.

VEDANA, Hardy. **Jazz em Porto Alegre**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Italianos em São Paulo, territórios estrangeiros, segregação e alteridade da cidade indústria à metrópole global. In: MATOS, M. I.; MENEZES, L. M.; GOMES, E. S.; PEREIRA, S. M. (Org.). **Italianos no Brasil**: partidas, chegadas e heranças. 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ/LABIMI, 2013. v. 1. pp. 326-339.

ZANFRINI, Laura. **Sociologia delle migrazione**. Roma: Laterza, 2007.

Fontes orais

PARANHOS, Paulo Ricardo Leonardi. **Trajetória do maestro José Leonardi** [18 de ago. 2012]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

PAPPALARDO, Maria Graça Berta. **Entrevista sobre a trajetória de José Pappalardo**. [6 de jul. 2016]. Entrevistador: Leonardo Conedera, Egiselda Charão e Fernanda Trentini. Porto Alegre.

Fontes escritas

ALMANACCO Il Brasile e gli Italiani. San Paolo: Fanfula, 1906.

ALMANACCO Gli Italiani nel Brasile. San Paolo: Pasovino Coloniale, v. 1, 1922.

Il Pasquino Coloniale. 1922/set. Acervo da Hemeroteca Nacional, 1922

Recebido em: 15 de maio de 2020

Aceito em: 28 de julho de 2020